

REVISTA
SENTIDOS
DA
CULTURA

BELÉM-PA | ANO 2 | N.2 | JAN-JUN 2015

A PROSA MEMORIALÍSTICA EM O MENINO GRAPIÚNA, DE JORGE AMADO

Danieli dos Santos Pimentel

Joel Cardoso da Silva

Resumo

O artigo discute a escrita memorialística presentes na obra *O menino grapiúna* (1982), de Jorge Amado. Nesse âmbito, o estudo percorre os desdobramentos do escritor em torno de suas memórias, percurso que compreende: tempos de infância, adolescência e juventude. Pretendemos observar de que forma o autor reelabora, por meio da reinvenção de si, a prosa memorialística e autobiográfica.

Palavras-chave: Literatura; Prosa memorialística; Autobiografia.

Abstract

*The essay is about the memorialist writing presented in the work *O menino grapiúna* (1982), by Jorge Amado. Considering this scope, the study goes through the writer's unfoldings around his memories, a trajectory which involves: childhood, adolescence and youth. We intend to analyse how the author recreates, through the reinvention of himself, the memorialist and autobiographic prose.*

Keywords: Literature; Memorialist prose; Autobiography.

1. O GÊNERO AUTOBIOGRÁFICO E A LITERATURA

Memória verdadeira e completa guardo de outra cena, essa não mais de ouvir dizer e sim de tê-la vivido em meio à noite cálida e assustadora da Tararanga. Menino de quantos anos? Cinco, talvez um pouco mais, não sei; é difícil estabelecer as medidas do tempo da primeira infância.

(JORGE AMADO, *O menino grapiúna*, 1981)

Literatura e vida se entrelaçam. Com o advento da Psicanálise, essa relação se intensificou e já não se pode negar a existência da relação entre o gênero autobiográfico e a literatura. Evidenciamos isso, na atualidade, principalmente no montante de obras que se ocupam do tema da memória e dos perfis autobiográficos. Diante disso, muitos escritores, ao escreverem suas memórias, destinam aos leitores e críticos, o estudo particular das formas documentais de vida.

Clara Rocha (1992, p. 9), ao citar Milan Kundera, relembra que o termo “grafomania”, usado pelo autor, serve “para satirizar a proliferação de escrita com propósitos literários”. Mais adiante, refere-se ao escritor François Kérel para justificar que seria a “grafomania” uma prática entre os escritores que os levaria ao interesse pela publicação dos testemunhos de vida. Nesse âmbito, Rocha (1992) propõe um questionamento acerca do exercício autobiográfico, no sentido de tentar responder de que forma, os escritores, ao escreverem as suas memórias, trabalham a “compreensão de si próprio” e dos outros ao mesmo tempo. No entanto, a autora não responde a essa interrogação, por hora, prefere deixá-la em suspenso, talvez para que os estudiosos respondam a tais questões. Assim sendo, uma vez que seu estudo percorre o manancial de narrativas que brotaram nos últimos tempos na tentativa de compreender o vasto território de produção literária íntima: “o nosso século é fecundo em produção de literatura íntima. Proliferam nas letras ocidentais os diários, as memórias, os relatos pessoais, as autobiografias, as entrevistas, as confissões” (ROCHA, 1992, p. 10).

O gênero autobiográfico, anteriormente estudado por Lejeune na obra *Le Pacte autobiographique*¹, no que diz respeito a sua abrangência, foi também observado por Christine Delory-Momberguer (2014, p. 33): “O gênero autobiográfico abrange escritos tão diferentes quanto a autobiografia literária, a autobiografia intelectual, o diário de pesquisa, o diário do escritor, as narrativas de viagens, a correspondência, as memórias”.

¹Lejeune (1975, p. 14) a despeito do gênero autobiográfico escreve: “Escrito retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando ela enfatiza sua vida individual, em particular a história de sua própria personalidade”.

A produção literária de cunho confessional ou memorialístico, a partir da chamada história cultural, engendra o cenário onde se assiste a virada do eixo paradigmático da história, e, graças a ela, é que nos últimos anos, temos presenciado a entrada em cena dos relatos orais de vida tanto das grandes personagens da história quanto de pessoas anônimas. Rocha (1992, p. 10) relembra que, em países como a França e Estados Unidos, a política editorial das livrarias começa a oferecer aos leitores narrativas “autobiográficas de operários e camponeses, figuras anônimas ou desconhecidas, tradicionalmente sem acesso aos meios de publicação”.

O gênero autobiográfico entrou para os anais da história, sem dúvida, a partir da chamada *Nova História* e da história das mentalidades via Pierre Nora. Nesse novo percurso historiográfico, alguns nomes tornaram-se conhecidos pelo fato de promoverem a reformulação da história bem como dos regimes de suas fontes. Nesse contexto, a criação do Movimento dos *Annales*, seguido da criação da revista *Annales: économies, sociétés, civilizations*, trouxe um dos maiores legados para a virada do eixo paradigmático científico. Surgia, assim, uma nova forma de pensar o fazer historiográfico:

a nova história é a história escrita como uma reação deliberada contra o “paradigma” tradicional [...] poderíamos também chamar este paradigma de a visão do senso comum da história, não para enaltecê-lo, mas para assinalar que ele tem sido com frequência – com muita frequência – considerado a maneira de se fazer história, ao invés de ser percebido como uma dentre várias abordagens possíveis do passado (BURKE, 1991, p. 10).

As narrativas de cunho confessional seguem espalhadas em meio ao mercado editorial de muitos países e, paralelamente, crescem, também, nas últimas décadas as investigações teóricas a respeito das produções literárias do eu. Na tentativa de responder ao porquê do surgimento “da pena autobiográfica”, Rocha (1992) retoma Georges May para certificar que o surgimento da literatura de teor autobiográfico reflete um momento em que as discussões sobre o Eu estavam em voga, questões como o individualismo fazem parte dos principais questionamentos promovidos pelo Romantismo desse período. Daí, quem sabe, a quantidade de produções voltadas para os problemas íntimos e existenciais concorram para o estudo dos perfis autobiográficos.

2. AS ESCRITAS DO EU NA LITERATURA

Georges Gusdorf nos informa que o termo *Autobiographie* foi usado pela primeira vez no ano de 1789 por Frederico Schelegel. Somente por volta de 1800 é que o termo passa a ser divulgado entre as línguas europeias. Na origem do Romantismo (1790-1835), *As confissões* (1749), de Jean-Jacques Rousseau, têm a sua devida importância para a popularização do gênero. O movimento romântico do século XVIII trouxe a grande contribuição da “vaga intimista”, de onde emergem as primeiras manifestações literárias do Eu. Nesse contexto, inserem-se as confissões por meio de diários, relatos íntimos de conteúdo confessional, além disso, com frequência, remetem ao “desejo de purificação e absolvição, à regularidade da contrição que o aparenta à oração, ao exame de consciência” (ROCHA, 1992, p. 16).

Adiante, estreitam-se os laços entre autobiografia e literatura fazendo emergir o celeiro de textos literários que exploram o tema do Eu. Nesse percurso, muitos escritores têm se servido do gênero com o intuito de compor obras de cunho memorialístico.

3. O MENINO GRAPIÚNA E A PROSA MEMORIALÍSTICA

Entre essas obras destaca-se, por exemplo, *O menino grapiúna* (1981), do escritor baiano, Jorge Amado. A publicação do referido livro no ano de 1981 rendeu ao autor inúmeros prêmios, quer pela singularidade da narrativa, quer pelos aspectos formais e expressivos empregados no contexto de sua estrutura narratológica. Em termos de materialidade, a edição publicada naquele ano apresenta o texto integral juntamente com as ilustrações de Floriano Teixeira.

Relato autobiográfico de cunho memorialístico narrado em primeira pessoa, o livro conta a trajetória dos tempos de infância do escritor. A primeira imagem de infância que a obra evoca corresponde à memória herdada dos pais que o narrador localiza ainda nos primeiros tempos de infância: “De tanto ouvir minha mãe contar, a cena se tornou viva e real como se eu houvesse guardado memória do acontecido: a égua tombando morta, meu pai, lavado em sangue, erguendo-me do chão” (AMADO, 1981, p. 11).

Como pode uma criança de dez meses de idade recordar com tamanha nitidez de suas primeiras memórias, inclusive reconstruir com tamanha precisão os fatos mais remotos de uma época em que ainda era um bebê engatinhando pelo chão da casa? O escritor assim explica que essa memória não é individual e sim coletiva, pois, assim, pela voz da mãe, as

lembranças foram repassadas a ele sucessivas vezes. Assim, não se pode negar que, na obra, os primeiros acontecimentos da tenra idade marcariam para sempre a experiência da pequena criança. Além do mais, o elemento trágico é o liame que desata essa imagem descrita pelo autor. Toda a descrição trágica, a que se filiam os primeiros acontecimentos da vida infantil, é retomada e recriada como matéria vivenciada e lembrada, e, aqui, liricamente, transformada em imagens poéticas de si:

Eu tinha dez meses de idade, engatinhava na varanda da casa ao fim do crepúsculo quando as primeiras sombras da noite desciam sobre os cacauais de recente plantação, sobre a mata virgem, inóspita e antiga. Desbravador de terras, meu pai erguera sua casa mais além de Ferradas, povoado do jovem município de Itabuna, plantara cacau, a riqueza do mundo. Na época das grandes lutas (AMADO, 1981, p. 12).

A nossa memória é lacunar. Preenchemos as lacunas com a imaginação. Assim rememora esse narrador e romanceia muitas passagens de sua vida. Primeiramente, conferindo uma poeticidade a um lembrar talvez menos autobiográfico e mais autoficcional. Vejamos, por exemplo, a descrição do ambiente noturno que remete o espaço daqueles tempos: “[...] engatinhava na varanda da casa ao fim do crepúsculo quando as primeiras sombras da noite desciam sobre os cacauais de recente plantação [...]”. Em seguida, na descrição dos atos de bravura do pai, uma descrição eivada de adjetivos, relata liricamente os atos heroicos do pai, pondo em relevo a importância que este toma em toda a narrativa. “Desbravador de terras, meu pai erguera sua casa mais além de Ferradas, povoado do jovem município de Itabuna, plantara cacau, a riqueza do mundo. Na época das grandes lutas” (AMADO, 1981, p. 12).

O trecho acima relaciona elementos restritos à história familiar dos pais, a luta da família no trabalho com a exploração do cacau no sertão, assim como descreve os eventos históricos da ocupação do sul da Bahia onde, geograficamente, está localizado o município de Itabuna, local de nascimento do escritor. Desta maneira, e, em conformidade com o ciclo de exploração cacauaieira, a voz do narrador contextualiza a época.

A luta pela posse das matas, terra de ninguém, se alastrava nas tocaias, nas trinças políticas, nos encontros de jagunços no sul do estado da Bahia; negociavam-se animais, armas e a vida humana. Em busca do El-Dorado, onde o dinheiro era cama de gato, chegava a mão de obra, vinda do alto sertão das secas ou de Sergipe da pobreza e da falta de trabalho – os “alugados”, os bons

de foice e enxada e os bons de pontaria. Pagos numa tabela alta, os jagunços de tiro certo tinham regalias. As cruces demarcavam os caminhos do alardeado progresso da região, os cadáveres estrumavam os cacauais (AMADO, 1981, p. 12).

À época em que o autor escreve as suas memórias está em voga o Modernismo de 1930, geração a que pertenceu o escritor, daí a relação de sua obra com o caráter “estético e ideológico”, a que se refere Lafetá (2000, p. 19-20):

*Decorre daí que qualquer nova proposição estética deverá ser encarada em suas duas faces (complementares e, aliás, intimamente conjugadas; não obstante, às vezes relacionadas em forte tensão): enquanto **projeto estético**, diretamente ligada às modificações operadas na linguagem, e enquanto **projeto ideológico**, diretamente atada ao pensamento (visão de mundo) de sua época.*

A operação com a linguagem – “estética e ideológica” – torna o texto autobiográfico, em termos de contexto histórico demarcados no tempo e no espaço. *O menino grapiúna* contextualiza os eventos sociais e políticos do país, época em que se passam as primeiras memórias de Amado. No decorrer desse fluxo, a memória encontra suporte nos acontecimentos históricos da geração dos pais do escritor, ou seja, seus pais protagonizam a saga de luta e de trabalho do ciclo cacauero, a luta brava pela terra e pela fundação da chamada Nação Grapiúna. Os primeiros relatos de ocupação desde a chegada dos primeiros habitantes no sertão da Bahia, dinâmica do trabalho na lavoura do cacau, o advento do progresso na região, todos esses episódios convivem ao lado das políticas de desenvolvimento social da nação brasileira, questões observadas ao longo seu relato autobiográfico. O autor rememora o panorama histórico do Brasil dos anos de 1920 e 1930. Assim nos lembra Lafetá (2000, p. 22) “as transformações provocadas pela imigração, pelo surto industrial, pela urbanização” daquele período. Os anos de luta, o trabalho árduo, a disputa por melhores condições de vida nas terras do árido sertão; a dura e cruel realidade daqueles tempos de infância tornar-se-iam em matéria a ser documentada ficcionalmente pelo autor.

A luta acirrada entre os grandes latifundiários e novos ocupantes das terras do sertão são questões bastantes vivas na memória do escritor. Da infância à idade adulta percorre um longo caminho até enveredar pelo exercício memorialístico de si mesmo e de tantos outros “eus” que integram a sua história de vida. Em meio a tantas pessoas e personagens (como a mãe, o

pai e o tio) parece, todavia, ser a figura do pai vista de maneira grandiosa em toda a obra. Num dos trechos, autor descreve como e de forma heroica, o pai sobreviveu à tentativa de homicídio decorrente dos conflitos pela terra. Abaixo a ilustração e passagem da obra evidenciam o ocorrido:

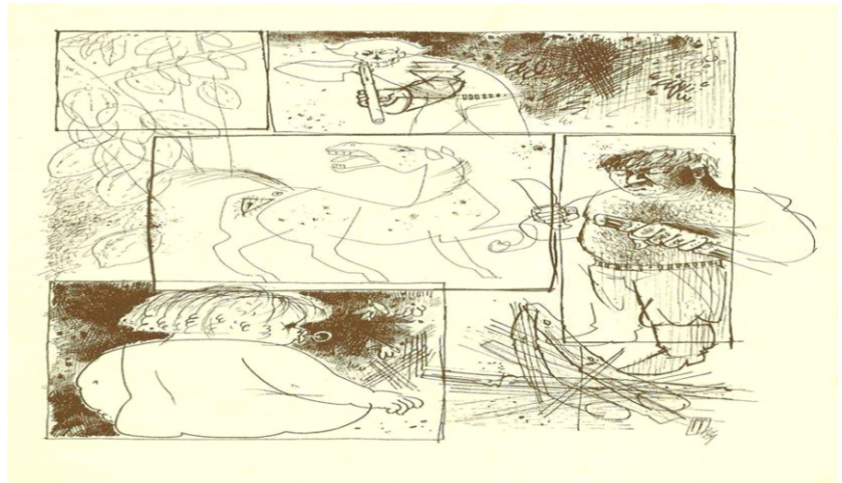


Imagem 1: Floriano Teixeira

Meu pai cortava cana para a égua, sua montaria predileta. O jagunço, postado atrás de uma goiabeira, a repetição apoiada na forquilha de um galho (assim o enxergo na nítida rememoração), esperou o bom momento para descarregar a arma. O que teria salvo o condenado? Um movimento brusco dele ou da égua, talvez, pois o animal recebeu a bala mortal, enquanto nos ombros e nas costas do coronel João Amado de Faria vieram incrustar-se caroços de chumbo que ele jamais retirou, visíveis sob a pele até o fim da vida. Exibidos com certa relutância e alguma vaidade para ilustrar a repetida narrativa de minha mãe. Ainda conseguiu o ferido levantar o filho e levá-lo até a cozinha onde dona Eulália preparava o jantar. Entregou-lhe o menino coberto com o sangue paterno. Sucedeu no distante ano de 1913 (AMADO, 1981, p. 13).

Mais adiante, o autor alude à data de seu nascimento, agosto de 1912. Nesse ano, toda a sua família já habitava a roça de cacau, mais conhecida por Auricídia. Refere-se aos tempos de juventude do pai, época que este deixara a cidade sergipana de Estância para se aventurar no “desbravamento do sul da Bahia, para implantar, com tantos outros participantes da saga desmedida, a civilização do cacau, forjar a nação grapiúna” (AMADO, 1981, p. 14).

A origem dessas primeiras memórias, desde a saída do pai de Sergipe até a sua chegada ao sertão, contrapõe-se com as memórias do presente. Isso se confirma na passagem posterior quando Amado menciona a existência da universidade que, nos tempos de criança ela ainda não havia sido erguida. A relação

entre passado e presente é confrontada, mas logo em seguida, o tema da memória tornar-se-á uma constante nos questionamentos do autor. Teriam sido esses primeiros acontecimentos protagonizados pelo escritor? Ou todo esse acúmulo de memórias não passa das lembranças que os outros traziam resguardadas?

Assim, a figura do pai assume grande importância nas páginas memorialísticas do autor; outro papel importante ocupa a mãe, principalmente no que diz respeito aos primeiros ensinamentos, às primeiras memórias de família, matéria fundamental utilizada no texto em questão. Foi o lado materno que o acompanhou no percurso familiar. A mãe desde muito cedo repassou ao menino as histórias da família; era ela (a mãe), na sua artimanha de narrar e tecer os fios de histórias que, mais tarde, legariam o colorido vivo das memórias de seus antepassados na forma autobiográfica.

Em muitos momentos, nós, como leitores, nos deparamos, na obra, com temas recorrentes em relação à memória. Nesse trajeto, muitas dúvidas serão levantadas pelo narrador quanto a alguns acontecimentos, sobretudo, os fatos ocorridos nos primeiros anos de vida. Resulta daí, os questionamentos da voz autoral: “Existirá mesmo alguma lembrança guardada na retina do infante – as águas crescendo, entrando pela terra, cobrindo o capim, arrastando animais, restaurando o mistério violado da mata – ou tudo resulta de relatos ouvidos?” (AMADO, 1981, p. 17-8).

Esse exercício memorialístico, como, aliás, é próprio da memória, na obra, muitas vezes, aparece de forma fragmentada e diluída. Frente a isso, o leitor terá de visitar algumas passagens anteriormente lidas, uma vez que, diante do fluxo de consciência, o escritor vai, aos poucos, preenchendo os buracos de esquecimento. Como se dá, por exemplo, no capítulo II da obra quando o escritor recorda da enchente de 1914, fator responsável pela mudança dos pais para Itabuna.

A enchente do rio Cachoeira, nos começos de 1914, levou plantações, casa, chiqueiro, a vaca, os burros e as cabras. Fugitivos, meus pais chegaram ao povoado com a roupa do corpo, carregando o menino. Em Ferradas, já não havia onde recolher tantos foragidos, fomos enviados para o lazareto, habitualmente reservado aos leprosos e bexigosos, transformado em abrigo para as vítimas da cheia. Lavaram o chão de cimento com umas poucas latas de água, recordava minha mãe. Outros recursos não existiam, nem remédios, nem enfermeiras ou médicos – eram as terras do sem fim (AMADO, 1981, p. 18).

A PROSA MEMORIALÍSTICA EM O MENINO GRAPIÚNA, DE JORGE AMADO |

DANIELI DOS SANTOS PIMENTEL E JOEL CARDOSO DA SILVA

Dossiê Literatura Infantil e Juvenil - Artigo

Impossível não associar esse trecho do relato autobiográfico com a errância das personagens de Graciliano Ramos, principalmente da obra, *Vidas secas* (1938) – primeiro capítulo: Mudança – quando a família de Fabiano resolve deixar o sertão para fugir da seca. Acrescente-se a isso, a ilustração de Teixeira relembra o quadro de Cândido Portinari, *Os retirantes* (1944).



Imagem 2: *Os retirantes* – Cândido Portinari



Imagem 3: Floriano Teixeira

Os capítulos II e III da obra de Amado atualizam o contexto dos problemas de higiene e falta de saneamento básico presenciados nos tempos de infância. A ausência de atendimento médico adequado às doenças (lepra, varíola e febre tifoide) assombrava a família do escritor que, assim, fazia o possível para protegê-lo. O ano de 1918, ano de sua primeira infância está profundamente atravessado pelas mazelas sociais do país, período concomitante das grandes campanhas de vacinação no Brasil. Entretanto; em meio às adversidades, as mazelas trazidas pelas enchentes e as constantes epidemias que atingiam populações inteiras, tais acontecimentos, no dizer do escritor, não afetaram a saúde física da criança saudável que era:

devo a essa amedrontadora hospedaria de minha primeira infância o fato de ter permanecido imune à varíola até hoje: jamais qualquer vacina antivariolosa, das tantas que me aplicaram no correr dos anos, fez efeito. Nem sequer a primeira, novidade na região, em 1918, a pele cortada a canivete. De tão predisposta, Maria, a pequena empregada, desabrochou em pústulas. Todo mundo de braço inchado, febril, sentindo-se mal. Permaneci impávido, a subir pelas árvores, a correr na praia (AMADO, 1981, p. 18-9).

Enquanto a criança corria saudável pelos quintais da infância, muitas famílias sofriam os estragos deixados pelas enchentes e pelas doenças. Anos mais tarde, pela lente autobiográfica, perfaz os tristes destinos de trabalhadores do sertão da Bahia. Nos trechos seguintes, suas lembranças felizes se contrapõem aos sucessivos óbitos que Amado (1981, p. 23-4) presenciou na tenra idade.

Naquele tempo, a bexiga negra dizimava as populações da zona do cacau. A bexiga, o impaludismo, a febre. Que febre? Não sei, diziam apenas a febre para designar a implacável matadora. Seria o tifo? Mata até macaco, afirmavam para caracterizar a violência e a malignidade daquela febre fatal: a febre, pura e simplesmente. Na época das chuvas, tornava-se epidêmica, deixava de ser a febre, passava a ser a peste. Vinha do fundo das matas, no rastro dos jaracuçus e das cascavéis.

Esses acontecimentos marcariam para sempre as lembranças de uma época em que a vida no sertão do Brasil parecia ainda mais desolador, do ponto de vista do narrador em questão. Vê-se, ainda, um forte apelo ideológico em suas palavras, tudo, isso, somado ao trabalho poético da persistência de suas memórias: “A morte, companheira de toda a minha infância” (AMADO, 1981, p. 45).

O trecho abaixo e a ilustração se associam no encontro dessas tristes lembranças:

A febre contentava-se em matar uns quantos, a peste enlutava as cidades e os campos, não havia remédio que valesse. Tampouco medicação capaz de enfrentar a bexiga negra. Contagiosa como nenhuma outra moléstia, as suas vítimas eram isoladas nos lazaretos, longe das povoações. Por milagre, um bexigoso se curava, regressava com as marcas no rosto e nas mãos. Macabra visão de infância a me fazer estremecer até hoje: os bexigosos, metidos em sacos de aniagem, sendo levados para o lazareto, carregados pelos miraculados, ou seja, por aqueles que, havendo contraído a varíola e tendo escapado com vida, tornaram-se imunes ao contágio. Caminhando lado a lado com a morte, incorporado ao reduzido grupo de familiares, acompanhei de longe o transporte de um colega de escola primária até que o carregador, com o saco às costas, desapareceu no caminho, nos limites da cidade. A bexiga e os bexigosos povoam meus livros, vão comigo pela vida afora (AMADO, 1981, p. 24-5).

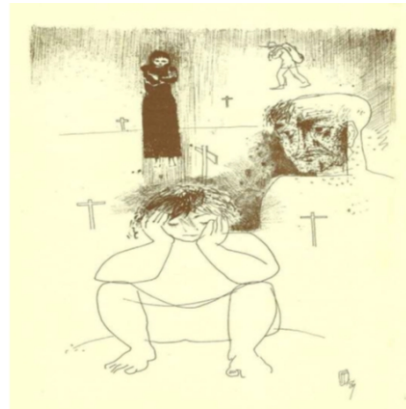


Imagem 4: Floriano Teixeira

O recorte acima confirma que os acontecimentos do vivido serviriam, ao escritor, de matéria ficcional usada em muitos de seus romances, pois, assim, reconhece o lugar e a dimensão que esses eventos ocuparam em suas obras: “A bexiga e os bexigosos povoam meus livros, vão comigo pela vida afora”. Noutro momento, o escritor se reporta a pessoas reais que se transformariam, mais tarde, pelas mãos do escritor, naquilo que Ángel Loureiro (2001, p. 135) chama de “autobiografía como acto de aucreación”:

Os personagens das obras de ficção resultam da soma de figuras que se impuseram ao autor, que fazem parte de sua experiência vital. Assim são os coronéis do cacau nos livros onde trato de região grapiúna, nos quais tentei recriar a saga da conquista da terra e as etapas da construção de uma cultura própria. Creio que em todos esses coronéis há um pouco do meu tio Álvaro Amado (AMADO, 1981, p. 51).

Ademais, não seriam apenas as tristes lembranças do escritor a tomarem toda a extensão de seu romance autobiográfico. É certa a presença dos primeiros deslumbramentos amorosos, o primeiro sentimento pela namoradinha com quem dividia as brincadeiras e as infundáveis caminhadas pelas praias.

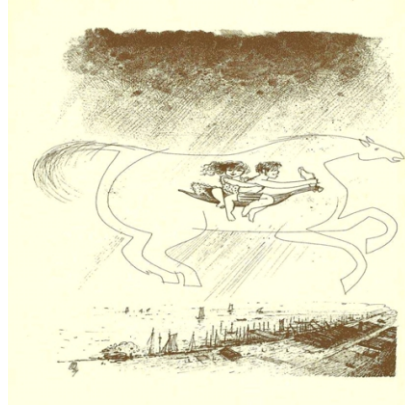


Imagem 5: Floriano Teixeira

Na garupa do improvisado ginete conduz a fada, a princesa, a estrela, a esfarrapada vizinha; nos olhos e no riso da companheira de viagem aprende as primeiras noções de amor. A menina exerce poderoso fascínio. Dengosa e matreira, negaceia, foge e retorna – o pai é canoeiro, passa o dia sobre o dorso da leve embarcação, levando gente e carga de um lado para outro da baía, do subúrbio pobre de Pontal para a cidade rica de Ilhéus. Junto às pontes de atracação, os pequenos navios da Companhia Bahiana transformam-se em transatlânticos, em navios de piratas nos quais o menino se transporta aos confins do mundo, combate e vence o Terror dos Mares, salva a princesa escravizada (AMADO, 1981, p. 29-0).

Em meio às crises financeiras o menino encontra um refúgio. “Os pais arruinados, perdidas as terras e as roças de cacau, cortam e preparam couro para tamancos. A casa pobre é moradia e oficina, mas o menino vive na praia, no encontro do rio com o mar, as ondas poderosas e as águas tranquilas” (AMADO, 1981, p. 30-31).

A poética do fluxo de consciência percorre, ao mesmo tempo lírica e realisticamente, os devaneios do narrador em torno dessas primeiras viagens no mundo do adolescente, nesse contexto, o primeiro amor é reconstruído pelas lembranças fugidias e pelos lapsos de esquecimento.

Como se chamava? Perdeu-se o nome, na memória ficou apenas a imagem da cavalgada, de mistura com as histórias de fadas e piratas, em curiosas versões regionais de dona Eulália. Ficaram o audaz alazão e o rosto moreno, os cabelos lisos, de cabo verde, da primeira namorada. Namorada seria muito dizer, com tão pouca idade ainda não se namora, mas com que intensidade se ama! (AMADO, 1981, p. 31).

As memórias do escritor estão situadas em lugares e espaços como a primeira cidade onde os pais residiram e onde o escritor nasceu – Itabuna – e as muitas casas em diferentes povoados onde morou com a família (Itabuna, Ferradas, Tararanga, Piarangi atual cidade de Itajuípe). A vida e as passagens por tantos lugares geraram dados desconhecidos em relação ao local exato de seu nascimento, por isso, talvez, Amado (1981, p. 35-6) reitera:

Alguns verbetes em dicionários e enciclopédias, certas notícias bibliográficas, fazem-me nascido em Pirangi. Em verdade, sucedeu o contrário: vi Pirangi nascer e crescer. Quando por ali passei pela primeira vez, encarapitado no cavalete da sela na montaria de meu pai, existiam apenas três casas isoladas.

O fim da infância e a entrada no mundo adulto fazem com que o narrador recorde com mais exatidão dos lugares onde morou, as coisas que presenciou. Cidades inteiras sendo erguidas, estradas de ferro, primeiros veículos motorizados, as pequenas casas humildes que, aos poucos cediam espaço para a intensa urbanização das cidades. As lembranças dos armazéns de estocagem de cacau, bares e casas de jogos. Cenas de violência acompanhadas de tiroteios e disputa pela terra eram as cenas mais comuns dos tempos de sua adolescência. A partir do V capítulo, o narrador perscruta a passagem da infância e o início de um novo ciclo: “tive meu sono de criança velado por mulheres-da-vida nos becos escosos” (AMADO, 1981, p. 37).

No VI capítulo o narrador faz um recuo no tempo. Dessa vez, retorna ainda mais uma vez às lembranças fugidias dos quatro ou cinco anos do escritor. Primeiro, o escritor confessa ter absoluta certeza do ocorrido, no entanto, reconhece o problema da localização exata dos acontecimentos. Nesse sentido, a questão do tempo torna-se a própria impossibilidade diante da reconstrução e do exercício mnemônico, no ir e vir do fluxo narrativo, o leitor se deparará com os lapsos-buracos de esquecimento, dúvidas, e, ao mesmo tempo, inúmeras tentativas do narrador de simular o passado.

Memória verdadeira e completa guardo de outra cena, essa não mais de ouvir dizer e sim de tê-la vivido em meio à noite cálida e assustadora da Tararanga. Menino de quantos anos? Cinco, talvez um pouco mais, não sei; é difícil estabelecer as medidas do tempo da primeira infância. Cinco, talvez um pouco mais, não sei; é difícil estabelecer as medidas do tempo da primeira infância. Muito pequeno ainda, com certeza. Acordado pelos latidos dos cachorros aos quais se somavam outros ruídos no pátio em frente à casa, fui espiar. Como fiz para esconder-me na varanda, para não ser visto, não me lembro. Recordo, sim,

com absoluta nitidez, a visão exaltante: na obscuridade moviam-se vultos, sombras, ouviam-se vozes, relinchos dos animais (AMADO, 1981, p. 41-2).

As imagens vão ganhando forma e as personagens de sua infância tomam vida. Nesse contexto, surge a figura do valente fazendeiro e político, Brasilino José dos Santos: “Impossível encontrar-se na região do cacau valentia e desassombro iguais ao dele – assim constava e era a verdade. Alguns anos depois eu o vi enfrentar sozinho um grupo de bandidos” (AMADO, 1981, p. 43).

A bravura dos trabalhadores com quem aprendia as primeiras experiências de vida, maneiras de respeitar as diferenças sociais e étnicas, tudo isso são questões bastante recorrentes em suas primeiras memórias. Temas ligados ao amor e à morte, segundo o autor, “estão no centro de toda a minha obra de romancista”. A lembrança das pessoas de sua terra, homens e mulheres trabalhadores da lavoura cacauera integram as imagens da saga sertaneja:

nessa primeira infância de terra desbravada, de homens em armas, num mundo primitivo de epidemias, pestes, serpentes, sangue e cruces [...] no meio do povo, homens e mulheres que possuíam a cor e o odor da terra, o menino ia aprendendo sem se dar conta. De nada gostava tanto como dessas idas a Pirangi, em companhia de trabalhadores e jagunços: ampliavam seu universo e impediam que medrasse em seu espírito qualquer espécie de preconceito. A quem mais admirava senão a Argemiro, de temerária fama, ou a Honório, um gigante negro que se repete nos meus livros (AMADO, 1981, p. 50-1).

A infância vivida entre trabalhadores do cacau, comerciantes árabes, coronéis e jogadores de pôquer foram se tornando a rotina diária dos primeiros anos de vida. Não tardaria para que a criança logo adentrasse no mundo dos adultos, um mundo que frequentaria com Argemiro e Honório, ainda na adolescência. As casas de prostituição são ambientes sempre tratados com muito respeito pelo autor. Reconhece a difícil vida que levavam as mulheres dentro dos espaços de prostituição, locais onde passava horas ouvindo histórias narradas pelas mulheres.

as casas de mulher-dama, essas lhe foram familiares desde a meninice [...] o menino ia de mão em mão, de ternura em ternura, de afago em afago, de rapariga em rapariga, cada qual mais maternal. Recordava a figura de Laura, os cabelos longos, o rosto macilento – sabia histórias de lobisomens, cantava cantigas de ninar (AMADO, 1981, p. 51-2).

Em minha infância e adolescência, as casas de mulheres-da-vida, em vilas e povoados, em pequenas cidades, nas ladeiras da Bahia, significaram calor, agasalho e alegria. De certa maneira, nelas cresci e me eduquei, parte fundamental de minhas universidades. Nada tinham de prostíbulos, a palavra pesada e torpe não serve para designar interiores tão familiares e simples, onde toquei os limites extremos da miséria e da grandeza do ser humano (AMADO, 1981, p. 56).



Imagem 6: Floriano Teixeira

As mulheres que povoam as memórias de infância do escritor, mais tarde, ocupariam importantes lugares na sua produção romanesca. Primeiramente surge, no contexto da obra, a figura da mãe e do lugar que ela ocupou na vida do escritor; em seguida, as prostitutas, mulheres por quem o autor não esconde a sua profunda admiração, em especial as primeiras companhias femininas de sua infância. Comprovadamente, o envolvimento com essas personagens não se afasta de seu projeto literário: “Que outra coisa tenho sido senão um romancista de putas e vagabundas?”. Faz questão de contar que a descoberta da sexualidade não se deu em meio às prostitutas, mas através de Marocas, moça “solteirona devota e carente, examinava ansiosa o sexo do menino, nele encostava o rosto, suspirando – foi quem primeiro o masturbou” (AMADO, 1981, p. 39).

A lembrança do abuso sexual sofrido na infância ficaria profundamente marcada em sua memória. Por outro lado, o contato com as prostitutas naquele mesmo período contribuíram para a admiração que passou a ter por elas dali em diante. Mais uma vez Amado (1981, p. 57-8) ressalta os momentos fraternos durante a convivência com as mulheres.

Nas casas de rapariga, quando Argemiro ou Honório entregava o menino aos cuidados das mulheres, nenhuma delas, jamais, teve gesto ou anelo que não fosse puro e maternal. Mulheres perdidas, assim eram chamadas, o rebotalho da humanidade. Para mim, de começo foram maternais, depois amigas

fraternas, tímidas e ardentes namoradas. Acalentaram meus sonhos, protegeram minha indócil esperança, deram-me a medida da resistência à dor e à solidão, alimentaram-me de poesia. Despidas de todos os direitos, renegadas por todas as sociedades, perseguidas, enganadas, degradadas, possuíam imensas reservas de ternura, incomensurável capacidade de amor. Que outra coisa tenho sido senão um romancista de putas e vagabundas? Se alguma beleza existe no que escrevi, provêm desses despossuídos, dessas mulheres marcadas com ferro em brasa, os que estão na fímbria da morte, no último escalão do abandono. Na literatura e na vida, sinto-me cada vez mais distante dos líderes e dos heróis, mais perto daqueles que todos os regimes e todas as sociedades desprezam, repelem e condenam.

Outro fator presente no texto memorialístico são as críticas de cunho político e ideológico em relação aos líderes e aos considerados heróis da nação brasileira. O escritor nunca negou sua veia engajada na luta, assim como também nunca escondeu a sua preferência por aqueles que vivem às margens do sistema político e monetário. Tanto a política quanto a escola são alvos de críticas. Como já visto anteriormente, foi em meio as prostitutas, vagabundos, jagunços, aventureiros, jogadores, feirantes, copoeiras e integrantes do candomblé que o autor assume ter recebido seus maiores ensinamentos de vida: “Os vagabundos ainda demorariam a fazer parte de meu universo, do meu cotidiano [...] Amigo dos vagabundos, dos mestres de saveiro, dos feirantes, dos capoeiristas, do povo dos mercados e dos candomblés. Mais do que isso, fui um deles” (AMADO, 1981, p. 65-6).

Trata os líderes políticos com desprezo e os pobres marginalizados com profunda admiração:

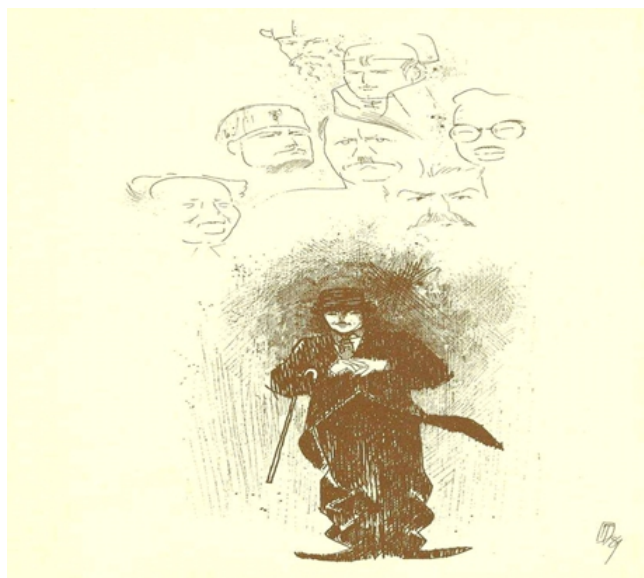


Imagem 7: Floriano Teixeira

Os líderes e os heróis são vazios, tolos, prepotentes, odiosos e maléficos. Mentem quando se dizem intérpretes do povo e pretendem falar em seu nome, pois a bandeira que empunham é a da morte, para subsistir necessitam da opressão e da violência. Em qualquer posição que assumam, em qualquer sistema de governo ou tipo de sociedade, o líder e o herói exigirão obediência e culto. Não podem suportar a liberdade, a invenção e o sonho, têm horror ao indivíduo, colocam-se acima do povo, o mundo que constroem é feio e triste. Assim tem sido sempre, quem consegue distinguir entre o herói e o assassino, entre o líder e o tirano? (AMADO, 1981, p. 61-2).

Aos treze anos foge do Colégio jesuíta e retorna a casa do avô no sertão de Sergipe. O interesse pela leitura chegou muito antes de o autor ir à escola: aprendera as primeiras lições no jornal da época, *A Tarde*. É desse período que o escritor recorda de sua parceria com o tio – Álvaro Amado – por quem demonstra um grande carinho. O tio é sempre lembrado pelas partidas de pôquer pelo jeito brincalhão e divertido com que comandava as partidas de jogo sempre com o sobrinho ao lado.

Muitas histórias permeiam as saudosas lembranças que o escritor carrega do tio: a recordação do tio jogador de baralho e do jogo do bicho, pessoa sempre alegre, o grande animador das festas familiares. Autor da ideia da “água milagrosa importada de Sergipe”. A história ganhou a atenção do menino de seis ou sete anos, época que começaram a vender a água retirada do terreno próximo à capela de Nossa Senhora do Ó e vendida nas redondezas pelo tio com a ajuda do sobrinho: “Creio quem em todos esses coronéis há um pouco do meu tio Álvaro Amado. Personalidade sedutora, teve-me sempre sob a sua proteção, dava-se categoria de amigo, por vezes de cúmplice” (AMADO, 1981, p. 72).

Os fazendeiros e os coronéis construíram seus impérios de luxo em meio às matas do sertão. As serpentes aterrorizavam a vida nas grandes fazendas, muitos porcos eram criados ao redor das casas como forma de proteção. Com o acúmulo de riquezas e o crescimento das fazendas, os grandes casarões transformavam-se residências luxuosas repletas de comodidade. A vida de fartura regada ao conforto e luxo passou a fazer parte da vida dos que haviam construído fortuna. Aos olhos do menino, tudo parece grandioso, a vida nas grandes fazendas é descrita por Amado (1981, p. 89-90).

O luxo cresceu com o poder e a vaidade dos coronéis, cada qual querendo exibir riqueza maior. Vi pianos de cauda em fazendas da vizinhança – como fizeram para transportá-los até aquelas lonjuras? Meu pai se contentara com a aquisição de um gramofone, instrumento que deixava os trabalhadores estupefatos. Em frente à casa-grande, na fazenda de José Nique, florescia um

jardim de rosas e cravos, extremo requinte. José Nique era requintadíssimo, no vestir e no trato, negro retinto, audaz desbravador de terras, trajava-se com o maior esmero – outra figura tutelar de minha infância.

Assim, lembra o escritor que a cultura francesa passou a fazer parte dos hábitos dos coronéis, que enchiam as casas de objetos de decoração e utensílios europeus, pinturas francesas decoravam os ambientes internos dos grandes casarões. Nesse contexto, surgem, de acordo com as lembranças do escritor, os primeiros embates para “acabar com o cangaço na zona do cacau”. Era, então, a força do coronelismo com o apoio do Estado que ditava às ordens no sertão.

Toda a sua autobiografia está permeada de muitos conflitos, a visão da pequena criança que vai se politizando com as leituras do mundo de sua época. A vida de solidão e isolamento no Colégio interno trouxe-lhe algo de positivo: o mergulho no universo mágico das leituras proporcionadas pelas lições do Padre Cabral, a quem o escritor se refere como herege por conta dos métodos diferenciados que utilizava. Integram as suas memórias de leitor dos tempos da infância as obras e autores fundadores de seu universo de menino leitor: *As viagens de Gulliver*, Charles Dickens, Mark Twain, Os Lusíadas, Almeida Garrett, Alexandre Herculano e tantas outras. Se a vida lhe pareceria, de início enfadonha, aos poucos, o pequeno leitor foi preenchendo os seus dias com a literatura. Ainda que a vida tenha sido muito dura durante os dois anos que ficou no internato, o autor não deixa, por outro lado, de reconhecer a importância dos métodos de ensino do referido padre, as últimas palavras dos últimos capítulos de sua obra versam sobre as recordações desses valiosos ensinamentos: “Recordo com carinho a figura do padre jesuíta português erudito e amável. Menos por me haver anunciado escritor, sobretudo por me haver dado o amor aos livros, por me haver revelado o mundo da criação literária” (AMADO, 1981, p. 119).

REFERÊNCIAS

AMADO, J. **O menino Grapiúna**. Rio de Janeiro: Record: MPM, 1981.

BURKE, P. A abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. **A escola dos Annales (1920-1989): a revolução francesa da historiografia**. Trad. Nilo Odalia. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

DELORY-MOMBERGER, C. **As histórias de vida**: da invenção de si ao projeto de formação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

HALBWACHS, M. **A memória Coletiva**. Trad. Lais Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

LAFETÁ, J. L. **1930**: a crítica e o modernismo. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.

LEJEUNE, P. Avant-propos. In: **L'autobiographie en France**. Paris: Armand Colin, 1971.

_____. *Le Pacte autobiographique*. Paris: Le Sueil. 1975.

LOUREIRO, Á. **Autobiografía**: el rehén singular y la oreja invisible. *Anales de Literatura Española [Publicações periódicas]*, n. 14, 2001. p. 135-150. (Biblioteca Virtual Cervantes).

Disponível em:

<<http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/7338/1/ALE1406.pdf>>

ROCHA, C. **Máscaras de Narciso**: Estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal. Coimbra: Almedina, 1992.

SOBRE OS AUTORES

Danieli dos Santos Pimentel

Doutoranda em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com bolsa CAPES. Possui Mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Pará (2012).

Joel Cardoso da Silva

Pós-Doutor em Artes (Literatura & Cinema) UFF-RJ. Doutor em Letras: Literatura Brasileira e Intersemiótica pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-SJRP, SP, 2001); Mestre em Letras: Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1996).

Recebido: 17.03.2015

Aprovado: 22.03.2015